



Os físicos definem um campo mais ou menos assim: quando algo acontece em algum lugar no espaço em decorrência de uma outra coisa num outro lugar no espaço sem qualquer meio visível pelo qual a causa produza um efeito, os dois acontecimentos estão ligados por um "campo". Assim, há desculpas para os biólogos que se sentem mais seguros no chão firme da química. Pode-se ver e segurar um tubo de ensaio, mas não se pode fazer o mesmo com um campo.

Apesar de não podermos ver ou sentir os campos que controlam nossos corpos, contudo, uma analogia imperfeita como: a experiência escolar com ímã e limalha de ferro, comum dos estudantes, ajudaria a visualizá-los. Como todos sabem, quando espalhamos fragmentos de ferro num cartão e os seguramos sobre um ímã comum, as limalhas se arranjam num padrão que representa as linhas de força dos campos magnéticos. E mesmo que possamos modificar as limalhas quantas vezes queiramos, em cada vez elas se arranjarão sempre conforme o mesmo padrão.

Isto constitui uma ilustração bastante grosseira da maneira como os "campos de vida" conservam no mesmo padrão os átomos que se modificam, as moléculas e as células. O campo eletromagnético humano, é claro, é infinitamente mais complicado que o campo magnético normal, porque contém muitos locais ou "subcampos" dos átomos, das moléculas, das células ou de órgãos que, de certo modo, integram o corpo com ele. Apesar desse "re-alimento" dos subcampos há muita evidência de que o campo geral do corpo é primário e controla seus campos componentes.

Mesmo considerando que os campos humanos são complicados e que ainda não são conhecidos em todos os seus detalhes, não há mistério sobre a forma de medi-los. Esta experiência pode ser feita com qualquer bom voltômetro de tubo vácuo moderno com alta resistência, pelo menos dez megohms — que não tire virtualmente nenhuma corrente do corpo e por isso não adapte os padrões de voltagem no campo que está sendo medido. Essas são as

potencialidades d.c. e não têm nada a ver com as ondas do cérebro ou com as correntes medidas por uma eletrocardiografia. Alguns cientistas tentam negar a realidade de qualquer fenômeno que não possam medir — (admira-se como puderam apaixonar-se por suas esposas) — e a validade de qualquer experiência que não possa ser repetida. A bendita palavra "repetível" de fato, acontece tantas vezes na liturgia da ciência como "Amém" nos livros de oração.

Todas estas condições são arbitrárias e encontradas nos "campos de vida". Podem ser mensuradas com exatidão, até em formas viventes inferiores como as sementes; e suas experiências são repetíveis. Até pelo mais pedante, portanto, os "campos de vida", podem ser considerados um fenômeno cientificamente respeitável, elegível um dia pelo **Imprimatur** da hierarquia. Quando isto se tornará possível dependerá de quanto tempo demorariam os bioquímicos a perderem seu entusiasmo pelas modas atuais.

Enquanto isso, como consideraremos mais adiante, seria conveniente bolar um nome curto para os campos eletromagnéticos (ou eletrodinâmicos), e campos organizantes, que são encontrados em todas as formas vivas — isto é, para os "campos de vida". Já que é estranho, até o próprio Dr. Burr ainda não lhes deu um título curto, aceitamos a tarefa para chamá-los de "Campos L".

4

Dr. Burr e seus colegas dedicaram mais de trinta anos a cuidadosas experiências que não somente confirmaram a existência dos Campos L em todas as formas de vida — dos homens aos coelhos, das árvores à terra vegetal lodoso — mas também revelaram muitas outras propriedades. Esta pesquisa demorada e contínua, porém, não incluiu momentos históricos excitantes.

Nota do tradutor: A expressão Campo L é abreviatura para Campos de Vida. No original **Fields of Life**.